

**A REFLEXÃO SOBRE O ETNOCENTRISMO
NA OBRA OS ENSAIOS DE MICHEL DE MONTAIGNE**

Antonio Carlos Lopes Petean (UFOP e UNESP)
acpetean@yahoo.com.br

RESUMO

O presente artigo busca resgatar as reflexões filosóficas do filósofo Michel de Montaigne sobre o preconceito e o olhar etnocêntrico dos viajantes que estiveram no “novo mundo”. Embora o termo etnocentrismo não fosse utilizado no século XVI, Montaigne a partir dos seus ensaios, permite uma crítica ao ato de olharmos o outro a partir de nossos valores e costumes.

Palavras-chave: Etnocentrismo. Valores. Novo Mundo. Montaigne.

Para Coelho (2001) não há nada mais adequado a um texto literário do que a discussão de ideias de modo pessoal, abrindo caminho à dúvida e permitindo a autocorreção constante. Foi assim, que em pleno século XVI o filósofo Michel de Montaigne teceu duras críticas aos valores e costumes dos europeus e, estas críticas permitiram uma reflexão sobre o olhar etnocêntrico presente no imaginário de várias sociedades. Nos seus ensaios, Montaigne buscou compreender a raiz do preconceito e sua relação com o olhar etnocêntrico. Três ensaios são significativos para compreendermos esta questão: “Dos Canibais”, “Dos Coches” e “Sobre a educação das crianças”. São estes ensaios que serão analisados neste artigo. Mas primeiramente será apresentado o significado de etnocentrismo.

Na tradição antropológica, o etnocentrismo é uma visão de mundo que coloca nosso grupo humano como o centro do mundo e os demais grupos são pensados e percebidos segundo nossos valores, leis e hábitos, segundo Rocha (2006). Nessa perspectiva o olhar etnocêntrico caracteriza-se pela dificuldade de pensar o outro a partir do reconhecimento da

diferença entre grupos humanos.

No século XVI o viajante Gândavo (2004) exemplifica bem esta questão. Este viajante descreve os nativos da colônia portuguesa na América como povos sem lei e fé. Gândavo (2004) olhava os nativos a partir dos costumes e leis que lhe era familiar e, portanto, todos que não possuíam as mesmas normas que as suas, foram classificados por este viajante como bárbaros, lascivos e dados a vingança e, foram classificados, também, a partir da falta, pois, afinal, na sua visão estes nativos não tinham lei e fé, segundo a análise de Schwarcz (2001). Mas Gândavo estava familiarizado com o Estado Absolutista e com a fé católica, daí seu estranhamento ao se defrontar com povos de cultura religiosa e política diferente da sua.

No etnocentrismo o grupo do “eu” estabelece que sua visão de mundo é a única possível e real. Nesta lógica o nosso mundo é superior, civilizado, enfim, ele é o modelo para todos os povos.

De qualquer forma, a sociedade do “eu” é a melhor, a superior. É representada como o espaço da cultura e da civilização por excelência. É onde existe o saber, o trabalho, o progresso. A sociedade do outro é atrasada. É o espaço da natureza. São os selvagens, os bárbaros. São qualquer coisa, menos humanos, pois estes somos nós. (ROCHA, 2006, p. 9)

Mas esta não foi a única voz no século XVI. O filósofo francês Michel de Montaigne estabeleceu outro olhar sobre os nativos do Brasil e, percebemos este outro olhar na sua obra *Os Ensaios*.

Coelho (2001), vê nos ensaios de Montaigne, grande originalidade e atualidade em não permitir aos seus leitores que se coloquem, por preconceito e etnocentrismo, acima de culturas e comportamentos que lhes são estranhos. Esta seria a grande contribuição dos ensaios de Montaigne em pleno século XVI.

A época que viveu Michel de Montaigne (1553-1592) foi um período de dúvidas, de incertezas e de transição. Dúvidas em relação ao saber amparado na tradição que ruiu devido a uma nova visão sobre o cosmo. Esta nova visão, proporcionada pelas revoluções científicas de Copérnico, Galileu e Bruno e, também, pelas grandes navegações, derubaram os paradigmas teológicos sobre o geocentrismo e ergueram o heliocentrismo, colocando em dúvida o saber defendido pela igreja romana.

Mas Montaigne não aderiu ao sistema heliocêntrico de Copérnico, apenas disse que o geocentrismo e o heliocentrismo são dois sistemas

rivais que não nos ajudam a desvendar a verdade sobre as coisas (SMITH, 2009). Sendo assim, Montaigne não viu relação entre a “verdade” sobre as coisas terrenas e a importância da revolução científica que colocou fim aos paradigmas religiosos sobre o cosmo.

Foi neste contexto que o pensador francês Michel de Montaigne preocupou-se em retratar a diversidade de costumes e hábitos que os homens são capazes de criar, pois a “descoberta” da América pelos europeus lhe proporcionou material para suas observações acerca da diversidade humana. Nas palavras de Smith: “É, em boa parte no interior dessa curiosidade natural sobre as múltiplas formas de vida do ser humano, tal como eles efetivamente vivem e se organizam, que a descoberta do novo mundo interessará à Montaigne”. (SMITH, 2009, p. 9)

Montaigne leu os relatos de viagens de Jean de Léry e André de Thevet e, também, esteve em contato com nativos americanos levados para a França por Villegagnon. Os relatos dos historiadores e os relatos dos viajantes eram a leitura preferida de Montaigne, pois estas lhe permitia descrever as diferentes formas de vida humana. Para Montaigne o saber clássico greco-romano não era mais uma fonte da verdade, não era mais uma autoridade indiscutível, segundo Marcelo (2001).

Cabe ressaltar que Montaigne tinha preferência pelos relatos dos “homens simples” de sua época, ao invés dos relatos dos eruditos, carregados de cultura greco-romana. Os homens simples, segundo Montaigne (2009) ofereciam descrições mais reais sobre o outro.

Para Montaigne (2009), os eruditos e certos historiadores, ao descreverem seus objetos, colocam seus juízos, forçando o leitor a aceitar suas opiniões. Montaigne julgava os homens cultos e finos mais presos aos costumes e hábitos que, em sua opinião, condicionavam os relatos de viagens.

Não podemos perder de vista que, no século XVI, uma boa parcela dos letrados ainda mantinha vínculos com a igreja e, todo saber ligado a esta instituição estava sobre o crivo da dúvida e da incerteza. Dúvidas, incertezas e desconfianças marcaram o século XVI.

Neste contexto cético e de grande reflexão filosófica Montaigne fez da filosofia, portanto, um instrumento para descrever a diversidade humana e não indicou, por meio dela, qual seria a melhor forma para o homem viver em sociedade ou o melhor contrato social para ser construído. É este o projeto filosófico de Montaigne presente em vários textos

de sua obra *Os Ensaíos*.

Os Ensaíos aborda temas variados como a educação das crianças, o preparo para a morte, o conceito de bárbaro e a crueldade, entre outros. Segundo Coelho (2001) parte dos ensaios é ocupada por narrativas curiosas que Montaigne colheu dos livros de história e em conversas casuais e lúdicas.

No texto “Dos Canibais”, presente na obra *Os Ensaíos*, o filósofo realiza reflexões sobre os hábitos e costumes dos tupinambás, com clara intenção de criticar os próprios europeus, que vivenciavam as guerras religiosas entre católicos e protestantes.

Ao retratar os costumes dos nativos americanos, no ensaio “Dos Canibais”, Montaigne criticava ao mesmo tempo a educação, os costumes e hábitos presentes na França da sua época. Desta forma, Montaigne acaba por julgar o velho mundo. Pois ao descrever os povos do “novo mundo” ele preparava o juízo sobre o “velho mundo” (SMITH, 2009).

Enquanto os viajantes julgavam os povos do “novo mundo”, Montaigne se armou da filosofia e julgou os povos do “velho mundo”. A filosofia foi a arma para Montaigne julgar os costumes de sua época e da própria França.

Portanto, sua intenção foi oferecer uma medida para julgar a França e as guerras religiosas que assolavam sua terra neste período. A França vivia um período de turbulência, pois católicos e protestantes estavam em guerra aberta e a carnificina marcou a noite de São Bartolomeu.

No texto “Dos Coches”, que também faz parte dos seus “Ensaíos”, as reflexões concentram-se na crueldade e na incompreensão dos espanhóis ao defrontarem-se com povos nativos da América. Já no texto “Sobre a educação das crianças”, Montaigne critica a crueldade do ensino de sua época e propõe ensinar a filosofia logo cedo para as crianças.

Mas, das primeiras linhas da sua obra *Os Ensaíos* até as últimas, fica evidente o ceticismo do filósofo, pois, segundo Burke (2006) do primeiro ensaio até o último, Montaigne exalta a falibilidade das opiniões humanas. Portanto, a filosofia faz-se cética, segundo Montaigne, e deve auxiliar-nos a sermos mais prudentes e moderados, inclusive em nossas análises de outras culturas. Suas reflexões, nestes textos, buscaram relativizar o conceito de “povos bárbaros”, conceito muito presente na literatura ocidental desde os primórdios da civilização grega.

Portanto, como foi dito aqui, Montaigne (2009) vai nos dizer que somos escravos de costumes, hábitos e opiniões que circulam entre nós e aos quais aderimos através da educação, dos ensinamentos dados por nossos pais ou por meio do grupo social com o qual partilhamos nossa vida. Segundo o filósofo, estes hábitos e costumes escravizam-nos, dominando nosso livre exame de outros povos e culturas.

A tirania dos costumes faz-nos julgar o outro e daí, todo estranhamento em relação à outra cultura seria, segundo Montaigne (2009), a base de todo preconceito. Podemos dizer que este olhar sobre o outro é a base do vínculo entre o etnocentrismo e o preconceito para Montaigne.

Smith (2009), ao analisar os ensaios de Montaigne, vai nos dizer que o filósofo buscou descrever o ser humano como um prisioneiro de sua época, dos costumes de seu país, de sua cultura e de certo modo de pensar ao qual ele adere sem refletir e, desse modo, naturalizaria certas ideias que circulam na sociedade na qual vive, fazendo delas, as suas ideias.

Portanto, segundo Montaigne, esta assimilação da cultura e dos hábitos teria tanta força em nós que chamamos de bárbaros todos os povos cujos costumes diferem dos nossos. Para o filósofo, a tirania dos costumes e dos hábitos impede-nos o livre exercício da razão e de construirmos um juízo sobre o outro que leve em conta a própria diversidade humana.

Embora o projeto filosófico da modernidade esteja amparado na autonomia do sujeito, Montaigne acaba por contestar esta possibilidade ao ver o livre exercício da razão e a livre formulação de juízos ameaçados pelos costumes e hábitos que amordaçariam o homem, gerando uma visão preconceituosa sobre o outro. Nesta lógica, todos os outros seriam bárbaros, portanto, desposuídos da razão.

Sobre os nativos do “novo mundo”, Montaigne vê os autóctones do Peru com grande poder e império, os do México com a melhor civilização, mas os do Brasil com a melhor vida, pois mais próximos da natureza. Esta análise está presente no ensaio “Dos Canibais”, no qual Montaigne contesta o conceito de bárbaro utilizado pelos europeus para se referirem aos povos do novo mundo, principalmente em relação aos Tupinambás. Diz o filósofo que:

...não há nada de bárbaro nessa nação, pelo que dela me relataram, senão que cada um chama de bárbaro o que não é de seu uso; como, em verdade, não parece que tenhamos outro padrão de verdade e de razão que o exemplo e a i-

deia das opiniões e usanças do país de onde somos. Lá está sempre a religião perfeita, o regime político perfeito, o emprego perfeito e acabado de todas as coisas. Eles são selvagens do mesmo modo que chamamos de selvagens os frutos que a natureza de si e de seu curso ordinário produziu. (MONTAIGNE, 2009, p. 51)

Na reflexão filosófica de Montaigne, o preconceito nasce, portanto, dos nossos hábitos e costumes, pois olhamos o outro a partir do que é comum a nós. Este olhar estaria condicionado por nossas maneiras a tal ponto, que chamamos de bárbaros e despossuídos de razão todos os que não comungam com nós os nossos hábitos. Por isso os Tupinambás foram vistos como bárbaros.

Vale ressaltar que os tupinambás praticavam o canibalismo e sobre esta questão, Montaigne (2009) disse que não existem diferenças substanciais entre comer um corpo cozido ou esquartejá-lo ainda vivo, fazendo assim, alusão à crueldade das guerras religiosas de seu tempo. Reconheciam, portanto, que tanto os europeus, quanto os tupinambás cometiam crueldades e este é o pior dos vícios segundo Montaigne.

O filósofo não adere, portanto, as interpretações etnocêntricas que marcaram o início da modernidade, pois ele faz da filosofia uma arma contra o preconceito. O etnocentrismo é visto como a fonte de todo preconceito, resultando na discriminação e segregação, que pode ser religiosa, cultural e, também, baseada no fenótipo.

Sendo assim, como foi dito, as reflexões filosóficas de Montaigne visavam, também, criticar os costumes e hábitos dos europeus envolvidos nas guerras religiosas do seu tempo. As guerras entre católicos e protestantes destruíram o solo europeu neste período.

Estas críticas aos costumes dos europeus foram acompanhadas, também, por uma exaltação de Montaigne aos costumes dos tupinambás, dizendo que:

Algun velho, de manhã, antes que eles se ponham a comer, faz uma pregação por toda a tenda, passeando de um canto a outro, repetindo uma mesma frase diversas vezes, até ter dado toda a volta (pois são construções que tem uns cem passos de comprimento). Ele não lhes prega senão duas coisas: a valentia para com os inimigos e o afeto para com as mulheres. (MONTAIGNE, 2009, p. 57)

Não se pode negar que nesta passagem o filósofo vê com bons olhos a formação moral dos tupinambás. A cultura oral funciona como uma educação coletiva, pois o ancião exalta a valentia na guerra e o afeto para com as mulheres no contexto da aldeia tupinambá. A comparação

com o modo de vida europeu é inevitável e intencional em Montaigne ao tratar da guerra entre os tupinambás.

Sua guerra é de todo nobre e generosa e tem tanta desculpa e beleza quanto pode haver nessa doença humana: não possui outro fundamento, entre eles, que a simples inveja da virtude. Não estão em discussão pela conquista de novas terras, pois ainda gozam dessa fartura natural que lhes sustenta, sem trabalho e sem fadigas, de todas as coisas necessárias, em tal abundância que não tem por que ampliar seus limites. Estão ainda nesse feliz ponto de desejar somente tanto quanto suas necessidades naturais lhes ordenam: tudo o que está além é supérfluo para eles. (MONTAIGNE, 2009, p. 62)

O olhar que Montaigne construiu sobre os nativos do Brasil baseou-se em relatos de viajantes e historiadores que passaram por estas terras. A partir destas leituras, Montaigne exaltou a virtude dos nativos, a fartura natural do meio que viviam e a inexistência de ganância entre estes nativos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BURKE, Peter. *Montaigne*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- COELHO, Marcelo. *Montaigne*. São Paulo: Publifolha, 2001.
- GÂNDAVO, Pero de Magalhães de. *A primeira história do Brasil*. São Paulo: Jorge Zahar, 2004.
- MARCONDES, Danilo. *Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. São Paulo: Jorge Zahar, 2006.
- MONTAIGNE, Michel de. *Dos canibais*. Organizado por Plínio Junqueira Smith (Org.). São Paulo: Alameda, 2009.
- MONTAIGNE, Michel. Sobre a educação das crianças. In: _____. *Os ensaios*. São Paulo: Cia. das Letras, 2010.
- ROCHA, Everardo. *O que é etnocentrismo*. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- SCHWARCZ, Lília Moritz. *Racismo no Brasil*. São Paulo: Publifolha, 2001.
- SMITH, Plínio Junqueira. Montaigne e o Novo Mundo. In: MONTAIGNE, Michel de. *Dos canibais*. São Paulo: Alameda, 2009.